



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

VIVA MELHOR: ENVOLVENDO MENINOS EM AÇÕES DE CUIDADO E PREVENÇÃO EM SAÚDE!

Dulce Carolina de Barros da Costa; Sirley Vieira; Junior de Sá

Instituto Papai; carolb@hotmail.com

Instituto Papai; sirleyvieira@gmail.com

Instituto Papai; reinildojunior.antunes@hotmail.com

Resumo: O público para o qual desenvolvemos nossas ações reside nas áreas mais pobres, onde a realidade social abrange vários problemas, tais como: falta de saneamento básico, altos índices de violência e tráfico de drogas, que aliados a poucos recursos para o lazer, reverberando na qualidade de vida desses sujeitos sobre suas vulnerabilidades sociais. Segundo dados da SDS/PE, no ano de 2014 as comunidades pobres dessa área tiveram os índices de violência e tráfico de drogas mais preocupantes da RPA4. Sabe-se também que os meninos, desde muito cedo são submetidos a um processo de socialização que valoriza comportamentos de exposição e superação de riscos como prova de virilidade, provisão financeira da família e valorização do poder por meio da violência. Isso faz com que nossas ações educativas sejam voltadas para sensibilizar essa população, em prol da promoção do pleno desenvolvimento desses sujeitos, com vistas à redução de suas vulnerabilidades. Para tanto ofertamos oficinas de arte educação para um grupo de adolescentes, com idades entre 12 e 15 anos, especialmente homens, para que esses ampliem seus conhecimentos sobre saúde, prevenção às violências e respeito à diversidade, diminuindo suas vulnerabilidades a violência, incentivando práticas de saúde e respeito aos outros e mobilizando-os em ações educativas voltadas para sensibilizar outros adolescentes das comunidades de baixa renda. Nossa metodologia tem como base o uso de atividades lúdicas e temáticas, onde os jogos teatrais e a construção coletiva são pontos fundamentais para fomentar o diálogo e o aprendizado.

Introdução

Desde sua fundação o PAPAÍ desenvolve ações educativas para promoção do exercício de cidadania de adolescentes e jovens. O público para o qual desenvolvemos nossas ações reside nas áreas mais pobres da RPA4, onde a realidade social abrange vários problemas, tais como: falta de

saneamento básico, altos índices de violência e tráfico de drogas, que aliados a poucos recursos para o lazer (pouco espaços de lazer), reverbera na qualidade de vida desses sujeitos sobre suas vulnerabilidades sociais. Segundo dados da Secretaria de Defesa Social /PE, no ano de 2014 as comunidades pobres dessa área tiveram os índices de violência e tráfico de drogas mais preocupantes da RPA4. Sabe-se também que os meninos, desde muito



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Relações de Gênero

cedo são submetidos a um processo de socialização que valoriza comportamentos de exposição e superação de riscos como prova de virilidade, provisão financeira da família e valorização do poder por meio da violência. Isso faz com que nossas ações educativas sejam voltadas para sensibilizar essa população, em prol da promoção do pleno desenvolvimento desses sujeitos, com vistas à redução de suas vulnerabilidades. Dessa forma, nossos projetos tem se utilizado de estratégias para promover processos educativos de promoção a saúde, respeito e valorização da diversidade e prevenção às violências. O objetivo desse projeto está diretamente ligado a nossa missão institucional de promover cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, em prol da eliminação de desigualdades e da afirmação e valorização da diversidade a partir da perspectiva feminista de gênero, atuando principalmente com homens e sobre masculinidades, contra todas as expressões do machismo.

Realização de ações dessa natureza se justifica, por visar engajar meninos em ações de prevenção e cuidado a saúde, afastando-os de vulnerabilidades ao qual estão expostos e contribuindo a pensarem formas menos conflituosas. Para tanto,

desenvolvemos como objetivos específicos:

- a) Sensibilizar e informar a população da RPA4, sobre a importância de prevenir e mobilizar ações de pelo fim das violências e proteção das crianças, adolescentes e jovens.
- b) Formar um grupo de 25 adolescentes e jovens, com ações de arte educação, ampliando o conhecimento desses sobre cuidados a saúde, prevenção às violências e respeito diversidade;
- c) Promover o envolvimento dos/as pais/mães e/ou responsáveis pelos adolescentes na atenção aos seus filhos e no acompanhamento dos seus aprendizados.

A violência dos homens é, em sua maior parte, produto de uma socialização de gênero que valoriza um modelo de masculinidade viril e agressivo, mais propenso ao envolvimento com situações violentas.

Muitos homens, que não cometem ou não concordam com a violência de gênero, podem e devem participar como aliados das mulheres pelo fim dessa violência.

Novas diretrizes de políticas mundiais procuram colocar os homens no papel de aliados para a promoção da equidade de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

gênero. Essas diretrizes são reflexos de uma nova perspectiva das relações de gênero – segundo a qual a desigualdade é produto de relações sociais que se produzem com a participação de homens e de mulheres concretos.

A IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994, no Cairo e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijim, em 1995, definiram como diretriz a busca da participação dos homens na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos.

Não conseguiremos transformações efetivas se encararmos os homens como culpados. Ao contrário, é preciso envolvê-los ativamente na construção de outras formas de relações, que possam ser vividas de forma mais conciliadoras do que destrutivas.

No Brasil e no mundo, situações de abuso sexual contra crianças e mulheres jovens ocorrem em maior proporção do que são notificadas, por não serem, na maior parte das vezes, denunciadas devido ao medo e a vergonha das mulheres (crianças, jovens e adultas) em situação de violência sexual, ou até mesmo justificada, como é o caso das mulheres adolescentes, pelo seu comportamento (modo de vestir, andar etc.).

Dados da Fundação Abrinq revelam que apenas 10% dos casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes são notificados. É importante destacar que na cidade do Recife, no ano 2000, quase 1% do total de recém-nascidos eram filhos de adolescentes com idade de 10 a 14 anos e 23,46%, de 15 a 19 anos. Em 2009 foram registrados cerca de 26 mil gravidez na faixa etária de 10 a 19 anos. Baseando-se nos dados da Abrinq, podemos supor que uma porcentagem desses casos é proveniente de violência sexual cometida contra adolescentes.

Mulheres de diferentes idades, que sofrem com este tipo de violência, têm sua liberdade pessoal cerceada e podem correr risco de vida. Além disso, estão menos sujeitas a exercer controle sobre os aspectos sexuais e reprodutivos de suas vidas e muitas crianças convivem com esse tipo de violência dentro de suas próprias casas, desde muito cedo.

Metodologia

Nossa metodologia tem como base o uso de atividades lúdicas e temáticas, onde os jogos teatrais e a construção coletiva são pontos fundamentais para fomentar o diálogo e o aprendizado. Nossa pedagogia valoriza o aprendizado a partir da troca de conhecimento e vivência de cada um, onde



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

o acesso a informações pedagógicas e as reflexões sobre descobertas, valores e significados da vida, permite que os adolescentes pensar sobre seus lugares,

suas identidades e seu papel social, considerando a equidade na construção das relações de gênero e a noção de cuidado e saúde integral. Com base nos princípios da educação popular e defesa dos direitos humanos, as ações metodológicas são:

1. Oficinas lúdicas educativas, com utilização de jogos teatrais e recursos de arte plástica para promover a interação, além de servir de dispositivo de sensibilização para o diálogo;

2. Realização de oficinas de técnicas e metodologias para educação de pares, essas oficinas servem para os adolescentes aprenderem a planejar e desenvolver ações educativas voltadas para outros adolescentes;

3. Promoção de ações de educação de pares protagonizadas pelos adolescentes (com a orientação e supervisão dos educadores), utilizando os princípios da educação popular e com foco na promoção da saúde e prevenção as violências;

4. Reuniões psicopedagógicas para equipe do projeto e os pais/mães (responsáveis), que servem como momentos de reorientação pedagógica para equipe e sensibilização dos familiares a respeito dos desafios e problemas apresentados pelos adolescentes;

05. Oficinas temáticas oferecidas aos pais/mães (responsáveis), com foco em cuidado e proteção dos filhos.

Nossa metodologia valoriza a criatividade e a interlocução, pelo princípio da reflexão-ação-reflexão, reconhecendo que nesse processo interacional o educando tanto aprende quanto ensina e os pais, mães e/ou responsáveis podem partilha um pouco dos conhecimentos trabalhado com seus filhos.

Discussão

Desafios e possibilidades

Desde o começo do projeto, sabíamos que a nossa compreensão de mundo no que toca à problematização de um tipo de masculinidade que incita à agressividade e a vários outros tipos de violência contraria um modo operante a partir do qual muitos homens são formados em nossa cultura.

Sendo assim, voltávamos nossos esforços na tentativa de desmistificar os papéis sociais hegemônicos “definidores” do ser



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

homem, e a partir desse enredo, os prejuízos sociais que advém daí (no nosso caso focávamos e aprofundávamos sobre a exploração sexual contra crianças e adolescentes e violência contra as mulheres), e da forma como o

comportamento social por vezes diminui a gravidade desta questão. Tocamos em pontos que vão de encontro às influências do senso comum, por isso, lidamos com resistências e certas incompreensões. Apesar de categorizarmos essas vivências como desafios, elas não fugiam ao que já esperávamos, diante de nossa experiência tanto com o tema quanto com grupos de juventude.

A cada vez que sentíamos algum desconforto de um dos jovens em relação a pontos trabalhados por nós, esforçávamos-nos mais por trazer os temas ainda mais aproximados da realidade de cada um, lugar em que, geralmente, o entendimento chega com mais propriedade.

Conclusão

O Instituto PAPAI foi fundado com a proposta de refletir a invisibilidade da experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e no cuidado com as crianças. Iniciativa pioneira na América Latina, a instituição teve como base o modelo dos núcleos acadêmicos de estudos sobre a mulher e relações de gênero.

Hoje, diversos campos de saber defendem que o envolvimento dos homens no contexto da saúde reprodutiva/saúde integral contribui para gerar melhores condições de vida para os homens, para as mulheres e para as crianças. Porém, a nosso ver, isso não basta.

Neste sentido, ao longo dos anos, o Instituto PAPAI ampliou suas ações, constituindo uma equipe que vem desenvolvendo ações políticas e educativas, produzindo conhecimentos, estabelecendo parcerias, integrando redes, articulações; concretizando produtos e processos.

Atuamos no campo da saúde pública, nos diversos contextos de socialização, educação e em instâncias de controle social, temos trabalhado com vistas a romper barreiras individuais, simbólicas, culturais e institucionais que criam obstáculos, orientados por uma ordem heteropatriarcal de masculinidade, e impedem a maior participação masculina no contexto dos direitos sexuais e reprodutivos e, conseqüentemente, geram obstáculos à uma transformação simbólica, política e de prática mais profunda. O PAPAI acredita que não basta apenas a participação e o envolvimento dos homens nas questões relacionadas à saúde e ao cuidado de si e do outro, se faz necessário,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sobretudo, uma leitura crítica, à luz do feminismo, sobre os processos de institucionalização que são construídos a partir da (e constroem) desigualdades de gênero.

Neste sentido, ao longo dos anos, ampliamos nossas ações, constituindo uma equipe que vem produzindo conhecimentos, estabelecendo parcerias, integrando redes e articulações, campanhas e concretizando produtos e processos que busquem a equalização das diferenças de gênero. Acreditamos que uma sociedade justa é aquela em que homens e mulheres tenham os mesmos direitos e, por este motivo, nossa missão é promover cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, em prol da eliminação das desigualdades e da afirmação e valorização da diversidade a partir da perspectiva feminista de gênero, atuando com o foco nas masculinidades, contra todas as expressões do machismo.

Referências

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. Escola e diferença cultural: o debate da diferença cultural no campo do currículo. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana e QUADROS, Marion

Teodósio (orgs.). **Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. Editora Universitária, UFPE. Recife 2009.

LYRA, Jorge; OLIVEIRA, Ana R. Direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes e as políticas públicas de saúde: desafios à atenção básica. In: MEDRADO, Benedito *et al* (orgs.). **Juventude, Mobilização social e saúde: Interlocações com políticas públicas**. Recife-PE: Instituto PAPAÍ/MAB/CANTO JOVEM, 2010, 2ª edição. pp. 49-74.

MEDRADO, Benedito (orgs.). **Homens e masculinidades – outras palavras**, ECOS, São Paulo, Editora 34 Ltda., 1998;